

Caracterização do cultivo de jambu nas áreas produtoras que abastecem a grande Belém

Sérgio Antônio Lopes de Gusmão¹; Mônica T. Abreu de Gusmão²; Walter Velasco Duarte Silvestre¹; Paulo Roberto de Andrade Lopes¹.

¹ UFRA, Av. Tancredo Neves s/n, 66077-530 Belém-PA, e-mail:serg@nautilus.com.br; ² EMATER-PA, Br. 316, km 12, 67105-970, Marituba-PA;

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi coletar informações sobre o cultivo do jambu (*Spilanthus oleracea*) uma importante hortaliça da Amazonia. Os resultados mostraram que as sementes são obtidas nas próprias áreas de cultivo, não sendo utilizado material selecionado. Predomina o jambu verde claro de flores amarelas. Alternativamente são utilizadas variedades diferentes, sendo estas pouco comercializadas. O semeio ocorre em sementeiras canteiros, sendo o excedente das plantas transplantado para outros canteiros, em espaçamentos de 5 a 10 cm entre plantas. A adubação é basicamente orgânica, com uso de cama de aviário. Não foram relatadas doenças significativas. As principais pragas são *Neocurtilla hexadactyla*, e traça de folhas, semelhante à traça das brassicas. A comercialização é feita em maços, sendo entregue a intermediários por todos os produtores pesquisados.

Palavras-chave: *Spilanthus oleracea*, agrião do Pará, hortaliça da Amazônia.

ABSTRACT

Characterization of Pará cress cultivation in the area of production that is Belém supplier.

The objective of the present work was to collect informations about cultivate of Pará cress (*Spilanthus oleracea*), an important amazonic horticultural herb. The results showed that the seeds are obtained in the own cultivation areas, not being used selected material. The clear green jambu of yellow flowers prevails. Alternatively different varieties are used, being these little marketed. The seeding happens him in sowings seedbeds, being the surplus of the plants transplanted for other seedbeds, in spacings from 5 to 10 cm among plants. The manuring is basically organic, with use of aviary bed. They were not told significant diseases. The main pests are *Neocurtilla hexadactyla*, and moth of leaves, similar to the moth of the brassicas. The commercialization is made in bundles, being given to middlemen by all the producers.

Keywords: *Spilanthus oleracea*, Pará cress, Amazonic herb.

O jambu (*Spilanthes oleracea*), é uma hortaliça de largo consumo no estado do Pará. Além de fazer parte de comidas típicas regionais, como o pato no tucupi e o tacacá, vem sendo utilizado de forma mais geral, seja em saladas ou compondo outros pratos. Sua composição química, incluindo o espilantol, têm potencial para uso industrial, sendo ainda citado como indicativo para diversas doenças.

Centenas de produtores cultivam jambu na região produtora de hortaliças que abastece a grande Belém. Pela importância que a hortaliça representa para esses microprodutores, é necessário um diagnóstico da forma com que o cultivo vem se desenvolvendo, de forma a propor ações de pesquisa ou de apoio imediato, caso haja obstáculos ao cultivo. Em anos anteriores, a produção de jambu foi seriamente ameaçada pela presença do fungo *Tecaphora sp.*, causador do carvão do jambu (Freire, 1986). Através de ações diversas propostas pela pesquisa, foi possível o controle da doença. Outras doenças e pragas são citadas por interferirem no cultivo (Pimentel, 1985; Cardoso & Garcia, 1997).

O trabalho teve por objetivo conhecer a forma atual de cultivo de jambu na região e identificar pontos atuais e futuros que possam comprometer a produção.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada em Belém e municípios próximos, locais de maior concentração de produtores de hortaliças.

Foram entrevistados, no período de setembro de 2002 a fevereiro de 2003, 40 produtores de hortaliças e visitadas às respectivas propriedades. Dentre as informações requeridas, buscou-se saber a origem das sementes, forma de semeadura e condução do plantio, ocorrência de pragas e doenças, formas de controle, rendimento do cultivo e comercialização. Por haver grande semelhança entre os produtores, não foi necessário estratificá-los por categoria.

Os produtores caracterizaram-se por possuir áreas inferiores a um hectare, cultivarem cerca de cinco hortaliças, folhosas e condimentares, com destaque para alface, couve, coentro, cebolinha e jambu, utilizarem preferencialmente mão-de-obra familiar e destinarem quase toda a produção para o mercado de Belém.

Avaliou-se, em termos de percentagem de ocorrência, as informações recolhidas, nos pontos que assim o permitiam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as respostas obtidas e as observações feitas no local, foi possível obter os seguintes dados:

1- Origem das sementes e cultivares

A totalidade dos olericultores obtém as sementes na própria área, deixando periodicamente canteiros para produção de sementes. A origem das sementes é de outras áreas produtoras, obtidas quando iniciaram a atividade olerícola. Não foram observadas diferenças visuais no material plantado nas diversas áreas. Este é conhecido como verde claro ou flor amarela, descrito por Pimentel, (1985). Dez por cento das propriedades possuem canteiros com um material conhecido como jambu roxinho, caracterizado por possuir ramos de cor roxa e a inflorescência com um halo também de cor arroxeada. As folhas apresentam um verde bem mais intenso que o material normalmente cultivado. Esse jambu só é comercializado em ocasiões em que falha a produção da variedade tradicional. Através de fervura, processo natural de preparo, observou-se que o pigmento é liberado na água, ficando o jambu roxo muito semelhante à variedade tradicional. A sensação de anestesia provocada pela espilantina também é menos acentuada.

No Município de Breves, localizado no arquipélago do Marajó, é utilizada uma espécie selvagem de jambu, abundante e espontânea nas áreas alagadas. Apresenta pouca produção de sementes, duas a três por inflorescência, e baixa produção de espilantina. Também apresenta elevada susceptibilidade a *Puccinia sp.*

A EMBRAPA-CPATU lançou uma variedade de jambu identificada como “nazaré”, obtida através de seleção entre vários materiais coletados na Amazônia e que apresenta características superiores de produção e qualidade. Entretanto, tal material não foi citado pelos produtores.

2- Semeadura e condução da cultura

A semeadura é feita a lanço, com alta concentração de sementes por unidade de área. Embora seja planta de fácil propagação através de ramos, nenhum produtor utiliza a multiplicação assexuada (Pimentel,1985). Ao se desenvolverem no canteiro sementeira (cerca de 30 dias), são transplantadas para outros canteiros, em densidade de 200 a 400 plantas por m². Não foram encontrados produtores cultivando jambu no espaçamento de 25x25cm, descrito por Cardoso & Garcia (1997). Todos os produtores entrevistados fazem irrigação através de esguicho de mangueiras, com água bombeada de poços tubulares. Na adubação de plantio é utilizada cama de aviário, sendo também usada em cobertura, duas a três vezes durante o ciclo de cultivo.

3- Ocorrência de pragas e doenças e seu controle.

Todos os produtores citaram a paquinha (*Neocurtilla hexadactyla*) como principal praga. O controle é efetuado por uso de iscas a base de farelo de trigo e um inseticida. Esse inseticida varia entre áreas de produtores, predominando organofosforados e carbamatos. Em 70 % das áreas ocorre traça das folhas, sendo controlada por piretróides em 50% das propriedades. Apenas um produtor citou o uso de inseticida biológico. Observou-se que 70% dos produtores desconhecem as instruções apresentadas no produto.

Não foram encontradas doenças nos cultivos. Uma doença, conhecida como carvão do jambu (*Tecaphora* sp.), que a cerca de dez anos passados causou danos consideráveis na região (Villachica, 1996), não foi citada pelos produtores, nem identificada a sua ocorrência nas áreas visitadas. A ferrugem (*Puccinia* sp.) foi encontrada em jambu selvagem que se desenvolve no Marajó. Essa doença é citada por Cardoso & Garcia (1997).

4- Rendimento de cultivo e comercialização

O rendimento varia de seis a dez maços por m² de canteiro. Cada maço possui de 300 a 500g. A colheita ocorre quando inicia a floração, podendo ser retardada ou antecipada em função do mercado. O preço por maço varia de R\$ 0,10 a R\$ 0,30 sendo a produção entregue a intermediários na propriedade. Apenas 5% dos produtores faziam comercialização direta para o mercado varejista ou usavam a venda na “pedra”, via CEASA-PA (feira do produtor). A oferta do produto é relativamente estável no decorrer do ano, havendo pequenas “janelas”, que duram poucos dias, ocasião em que os maços são vendidos em tamanho menor que o normal.

O trabalho permitiu observar que alguns pontos ainda requerem pesquisas ou um melhor apoio técnico. Primeiramente devem ser estudadas medidas de controle de pragas, que permitam a segurança na aplicação e consumo. Devem ser melhor difundidas cultivares selecionadas, permitindo maior diversificação no material genético em uso. O potencial de uso na indústria e medicina deve ser mais explorado, aumentando a capacidade de absorção da produção e melhorando os preços de comercialização

LITERATURA CITADA

- CARDOSO, M.O.; GARCIA, L.C. Jambu. In: Cardoso, M.O. (Coord.). **Hortalças não convencionais da Amazônia**. Manaus, EMBRAPA-CPAA, 1997, p.133-140.
- FREIRE, F.C.O. Carvão do jambu; primeiro relato de ocorrência. **Fitopatologia Brasileira**, v.11, n.3, p.543-55, 1986.
- PIMENTEL, A.A.M.P. **Olericultura no trópico úmido: hortalças na Amazônia**. São Paulo. Ed. Ag. Ceres, 1985. 322p.
- VILLACHICA, H. **Frutales y hortalizas promisorios de la Amazônia**. Lima: Tratado de Cooperacion Amazônica, 1996, 385p.